

TRANSCRIÇÃO O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE SABERES AMBIENTAIS
SOBRE A BAIXADA FLUMINENSE EM ENTREVISTA COM A PROFESSORA
SIMONE FADEL.

Simone Fadel- UERJ/FEBF

simonefadel@hotmail.com

Entrevistadores:

Késia Paula de Oliveira

oliveira.kesia12@gmail.com

Rodrigo Costal

rodrigo_costal@hotmail.com

Prof. Dr^a. Simone Fadel: A questão ambiental aqui na FEBF é bem anterior ao curso de geografia, na verdade e eu sei disso pois trago esta questão pra FEBF, quando eu vim para cá, eu passei no concurso em 1996, eu já trabalhava com questão ambiental na prefeitura. A década de 90, foi uma década cheia de questões, movimentos e tem aqui no RIO em especial a ECO 92. Você tinha uma demanda, e é muito impressionante pois eu vivenciei na prefeitura, devido a ser do executivo e porque eu trabalhava no departamento que envolvia a educação ambiental. Eu sempre falava nas aulas de educação ambiental, que sem brincadeira, eu trabalhava com mais de 10 organizações não governamentais, que trabalhavam com a educação ambiental. E nós temos aqui, alguns desses materiais da década de 90 da WWF, Companheiro das Américas, Petrobras, Eletrobrás. Todo mundo tinha um projeto de educação ambiental.

Então assim, é uma década que teve muita demanda de se pensar e se fazer projetos sobre a questão ambiental, e em especial sobre a questão da educação ambiental de cada área, por exemplo, “Eletrobrás: consumo de energia” que é uma questão importante sobre a educação ambiental, e acabava sendo colocada na questão do consumo. A Eletrobrás era incumbida de fazer um projeto de educação ambiental, para discutir a questão do consumo. E um projeto deste de Educação Ambiental, ganha visibilidade e alcance quando você envolve quem? Escolas. Então quem estava na educação, como eu, na interface entre essas instituições e as escolas, tinham uma demanda enorme. As escolas do Rio de Janeiro, vivenciavam e faziam projetos belíssimos, como projetos de horta, muitos projetos de horta, tinham escolas assim

no Borel, fazendo projetos de hora. Então você tem uma demanda muito grande do executivo, na década de 90.

E nesse período de dissertação do mestrado, sobre a questão ambiental mais enviesada, pensando numa comunidade, que é fronteira ao Parque nacional da Tijuca. Uma ideia de como é que esses moradores pensavam uma unidade de conservação. Porque nós sempre temos a ideia de como unidade de conservação pensa o outro, mas não como o outro pensa a unidade de conservação. Aí eu passei para a FEBF, nós não ocupávamos este espaço, ocupávamos um espaço noturno no Instituto Roberto Silveira. Não existia o curso de Geografia, só o curso de Pedagogia, que foi por muito tempo se não me engano, um dos maiores cursos de pedagogia do Estado. Porque assim, a UERJ não criou a FEBF, a FEBF foi criada para ser uma Faculdade de Educação da Secretaria Estadual de Educação. A UERJ campou esta Faculdade, então eu fui o segundo ou terceiro concurso da UERJ. Pois antes, todo mundo era professor do Estado, aí ela ficou com Pedagogia e aqui na Baixada, quer dizer, ela ficou com Pedagogia, por conta da origem. E porque aqui na Baixada, é difícil na verdade você ampliar a UERJ. É difícil de se ampliar mesmo, e não é interessante você ter cursos públicos aqui na Baixada.

Você vai ter depois a UFRRJ no governo Lula, onde você tem uma ampliação. Mas durante muito tempo, era a única instituição pública aqui. E só Pedagogia, e aí eu não me lembro, da situação que foi pensado em fazer o curso de geografia e um curso de matemática. (...) Quando eu vim pra cá, eu vim com a experiência do executivo na verdade, da prefeitura, com a formação de professores na área da educação ambiental. E aí cheguei aqui para dar aula na formação de professores, na verdade, com esta questão ambiental na cabeça. E isso que eu comecei a desenvolver aqui, no curso de Pedagogia. Não só no curso de Pedagogia, mas nós fizemos aqui, o primeiro curso de extensão da FEBF, para formação de professores de Caxias. Então é uma loucura porque olha como a questão ambiental, é uma questão forte. Era um curso sem abono de ponto, à noite eu dava aula no auditório lá do Roberto da Silveira. Aqui, FEBF atualmente, esquece isso aqui, isso aqui é sonho de consumo. Só para vocês terem uma ideia, antes de chegar no curso.

Voltando, nós chegávamos no Roberto da Silveira tipo umas 17h30 min., eu ficava esperando acabar as aulas para poder entrar. Entrávamos direto na sala de aula, não tinha lugar para conversar, era direto para dar aula. Era um escolão, então mesmo nesse escolão, eu ia um dia dar aula para esses professores, sobre a questão ambiental à noite. Em um auditório praticamente sem luz que ficava lá em cima, e assim sem abono de ponto, se formou a primeira turma de um projeto, que era “Educação Ambiental uma Proposta para diferentes

atores”. Dessa primeira turma, nós fizemos o primeiro Congresso de eEducação de Duque de Caxias ou da Baixada Fluminense. Não me lembro bem do nome, com mais de 200 professores, nós já estávamos aqui (local atual da FEBF), foi neste auditório, foi uma experiência muito bacana.

Foi um período que não existia ainda o curso de Geografia, mas que a extensão universitária, através do Núcleo de Educação Continuada, que não existe mais. Nós tínhamos duas vertentes, nós trabalhávamos muito. Era muito interessante, que era a parte de educação ambiental e direitos humanos, então eram essas duas partes que se complementavam.

Então enfim a ideia, eu não sei se meio que inspirado nessa história da educação ambiental, pois era um pilar forte aqui, não existia Geografia, não existia Álvaro (Prof. Dr. de Geografia), não existia ninguém, existia eu lá no curso de formação de professores da Pedagogia. E aí se pensou em criar um curso de Geografia. Partindo de nós mesmos, na verdade, foi uma ideia não só do Henrique Sobreira[1], que era o diretor. Mas assim não existia nada. Então fomos pensar, a proposta de curso, eu representante da FEBF, mais o Gláucio da UERJ Maracanã, que foi uma figura super importante, na primeira versão do curso, pois depois foi feita uma outra versão que eu não participei.

Foi pensado da seguinte forma tinha eu, o Gláucio, o representante do CAP, o representante de São Gonçalo, todas as unidades que tinham Geografia, possuíam um representante. Mas no final das contas, mesmo o trabalho, o primeiro projeto para dar start do curso, foi eu e o Gláucio. O Gláucio, um geógrafo, que conhecendo o curso, trabalhamos muito neste sentido aqui. Quando foi dado o processo, eu saí para fazer o doutorado. Quando eu saí na verdade, a questão ambiental aqui meio que saiu comigo.

Então foi implantado o curso de geografia, com turmas em 2006, eu voltei. Quando eu voltei, já voltei não com a ideia de ter um núcleo de educação continuada, mas de tentar alguma coisa que pudesse estar voltado para pensar Baixada Fluminense. Pois quando eu saí para fazer o doutorado, não sou geógrafa de formação, sou formado em Biologia, na verdade eu tenho o mestrado quanto o doutorado são questões que vão interfacear com a questão ambiental. Por exemplo, no mestrado quando eu falei aquele negócio, é uma comunidade, meu orientador foi um antropólogo, Pedro Benjamin Garcia, então era a ideia de pensar o que as pessoas pensam sobre a unidade de conservação, como é que elas vivem. Naquela época não era como hoje, foram quase 4 anos, fiquei mais de 1 ano e meio indo na favela, conhecendo as pessoas, conhecendo a questão da religiosidade, indo caçar com os caçadores, vivendo cada uma daquelas experiências que eles tinham tomado.

No doutorado como eu já estava aqui, a ideia era pensar o espaço da Baixada Fluminense antes dele se tornar, o que eu pensei? eu não lembro o que me fez dar o Start para eu pensar na verdade. A ideia era assim, quando pensava em Baixada, pensava como um lugar insalubre, um lugar doente. Por exemplo, a minha primeira escola, eu me formei e comecei a trabalhar em São João de Meriti, quando eu comecei era São João primeiro do ranking em hanseníase do Estado. Gente eu passava por lixo do meu tamanho. Então assim, o pouco que vemos com São João melhorado, você tira aquilo tudo. O centro de São João, enchia, chovia e não conseguíamos sair da escola, e era uma escola que possuía um corpo docente muito bom. Fizemos uma escola experimental por muito tempo, só daqui três professores participaram de lá, maior coincidência, eu o Henrique e a Elena, outras pessoas que foram professores da PUC.

Estou falando de São João para pensar no Start do doutorado, se o mestrado eu estava visualizando aquela questão da unidade de conservação. Aqui eu comecei a pensar o seguinte, bom quando é que se construiu essa ideia de que a baixada fluminense é de fato só insalubridade? será que sempre foi assim? Essas eram as perguntas. Você tem o espaço como algo insalubre, e aí foi o começo para nós chegarmos na questão da própria Biblioteca Virtual do Meio Ambiente, da história Ambiental, que eu encontrei o primeiro momento onde se pensou em saneamento aqui.

E aqui na Baixada na verdade, foi o primeiro momento que se pensou saneamento da República. Quando você tem uma comissão executiva para sanear a Baixada Fluminense que foi a de 1910, algo mais estruturado, com ministério. Aí eu fui no doutorado, quando eu fiz o doutorado, fui com a Baixada. Fiz na USP no departamento de história, pensando sobre o espaço da Baixada. Na verdade, tem o momento dos engenheiros e tem o momento anterior que é o que nós vemos na Biblioteca Virtual, onde os naturalistas vão pensar esta região. E onde a questão da insalubridade não está presente. Muito pelo contrário, você tem descrições do rio da baixada, os encontros do rio com a serra, que são românticos, bonitos, o verde a paisagem. Se paramos para pensar, o cara saía da Bahia sobe um rio, do rio se vê a Serra, se nós formos tentar imaginar o que os caras viam naquele período do século XIX, era uma coisa belíssima. Eu não cheguei a trabalhar isso na tese de doutorado, mas uma coisa para se pensar, a malária irá justificar as ações de saneamento, que possuía altas taxas, mas você tem um momento entre a malária e estes naturalistas, no qual este espaço não é um espaço doente, na verdade se tornou doente como? Que ações foram estas realizadas aqui para que você tivesse esse grau de morbidade, essas situações?

Situações, principalmente com relação a malária, que justificasse isso, não foi pensado, na verdade acho que não foi pensado por ninguém para dizer a verdade. Pois eu peguei um pouquinho dos naturalistas, que não eram o foco da tese e depois eu pego o saneamento, mas fica um burquinho ali que é esta transição, quando é que de fato focos de malária. Que tipo de formação que tinha aqui? Que tipo de ocupação você tinha neste espaço? Aqui ao mesmo tempo que você tem o surto no Porto Estrela, antes, mais do que isso, você tem uma utilização deste transporte fluvial que fazia com que tivesse uma passagem e ao mesmo tempo uma vida, vilas, tem esse pessoal, essa ocupação que irá sendo desocupada a medida que vai mudando a forma como transportam-se as coisas. O Estrela acaba, nós chegamos a fazer algumas incursões a onde você tem o Porto Estrela. Hoje em dia tem praticamente uma pedra, na verdade tem uma desocupação grande para época, séc. XIX, e uma desocupação por conta da mudança. Nessa desocupação vão começar a surgir os surtos, mas na verdade não foi desocupado por conta dos surtos, ela foi desocupada devido ao trem na verdade, substitui a forma como transportavam-se. Para você usar o rio tem que se limpar, mesmo que seja uma sujeira natural, por exemplo, cai o galho, algo que vai estar impedindo o fluxo, tem que limpar aquilo para seguir a diante. Se você não usa mais, começa a ter também, pequenos alagamentos, aí tem uma área que vai ficando ali e dali vai.

Tem nesta desocupação, a malária ela também está anterior, mas não tão forte como o início do séc. XX, vai se formando essa ideia, a malária está anterior por conta dos escravos, tem um livro que o nome se não me engano é “Quilombolas no Estado do Rio de Janeiro” e também a Baixada Fluminense vai ter pois eles fogem para cá, e no imaginário sobre a Baixada esse fato é muito interessante. Pois tem assim, na época dos escravos que fogem para cá o imaginário de floresta, matas, você tem todo um cenário meio perigoso, sombrio, e que era bom para os escravos, que fosse considerado assim pois aí o cara não vem catar ele aqui. Então você tem um local, só que essa visão de baixada como algo ruim digamos assim, foi se perpetuando com outras roupagens, desde a época da fuga dos escravos e ao mesmo tempo ela é cortada por essa história dos naturalistas que utilizam e descrevem este lugar como algo interessante e bonito. Então tem esse corte do séc. XIX também, e ao mesmo tempo, você tem escravos que não é algo linear, essas histórias podem ser contadas separadas no livro, mas intercalaram-se.

Então quando eu volto do curso de doutorado eu já tenho o curso de Geografia, quando eu fui fazer a tese de doutorado talvez até por que fui por uma área da história que não é a minha área original eu tive muita dificuldade de encontrar as fontes sobre a Baixada Fluminense. Onde é que se fala da baixada? onde estão esses rios? Ai quando eu voltei, desejei ter muito a

Biblioteca Virtual. Que surge com um projeto financiado pela FAPERJ com o intuito de socializar tudo o que eu tivesse encontrado, para fazer a tese de doutorado, pois eu acho que é legal que uma pessoa que vá estudar a Baixada não tenha que ficar inventando a rota. Ter um recorte para ter algo mais ou menos para quem está começando.

A Biblioteca Virtual surgiu com este desejo relacionado com o grupo da Geografia. Que nesta época com o Álvaro, montamos o Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Baixada Fluminense – NIESBF. O Álvaro fica com outra área e eu fiquei com esta parte da história ambiental e buscando neste primeiro momento socializar essa história e nós trazemos um pouco da primeira experiência. Isso que é legal, o que nos damos conta aqui, é que aqui também temos a unidade de conservação, florestas, são as questões lá do mestrado, começamos a trazer para cá, então começa a biblioteca virtual a ir para caminhos onde vai se pensar esse espaço.

Pensar no Parque da Taquara, o que é, sua história, como é que ele foi criado. Então você tem o Parque da Taquara, depois você tem o Mangue, então você começa a Biblioteca Virtual, aí vai para caminhos onde se pensa esse espaço. Então tem os sistemas naturais, aonde se começa a levantar as Unidades de Conservação, porque na verdade a gente está aqui, mas se a gente for perguntar para qualquer pessoa, inclusive dentro do próprio curso de geografia da UERJ, qual a Unidade de Conservação que tem na Baixada Fluminense? Se souber que é a APA lá em Petrópolis, talvez isso ou talvez Tinguá, mas não vai pensar que aqui tem o que se conservar.

Porque na verdade, eu acho que o olhar de quem não está aqui é o olhar de que isso aqui tem que ser mudado, que isso aqui é muito ruim. Então quando você fala "a não você vai conservar" essa ideia de conservação, que tem algo caro, rico, valoroso que se pretende conservar não está ligado a ideia de Baixada Fluminense, então o que pode parecer tulo para quem conhece, a mais tem Tinguá, é importante que se dê visibilidade. Você tem uma reserva que por acaso é uma reserva, o que poderia não ser, poderia ser um Parque, que é a Reserva Biológica de Tinguá, que é um escândalo, é lindo, foi a primeira vez que eu vi preguiça na minha vida.

Engraçado que a UERJ, não sei se eu também era muito mais envolvida e hoje eu não sou, também não sei como está de repente tem um monte de coisa bacana e eu não sei, mais por exemplo, a gente fazia ida até Tinguá, ida até Porto Estrela, então os alunos da Geografia conheciam essa realidade. Lembro que um dia fomos até Tinguá, que foi um barato, conhecemos a diretora da Reserva de Tinguá, então conseguimos marcar uma visita educativa

para conhecer lá dentro então foi muito bacana. Mas moral da história, a ideia era que o NIESBF (Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Baixada Fluminense) tivesse nessa área, pudesse também dar visibilidade a essas Unidades de Conservação e a sua história.

E aí foi, quando chegou a própria discussão do Mangue, que foi uma discussão muito interessante, muito rica, muito cheia de conflitos socioambientais, porque na verdade essas coisas vão estar juntas o tempo todo, mas no caso do Mangue, quando você pensa no Parque da Taquara, na reserva de Tinguá que é grande e importante merecia muitos estudos, sobre suas fronteiras diferenciadas, de como é Xerém, com denominações e visões de mundo diferentes sobre o mesmo espaço. Eu acho que o interessante é isso, por exemplo tem lá a Reserva de Tinguá e dependendo de que "portão você se encontre", você tem um outro mundo, um outro olhar sobre a Reserva. E ao mesmo tempo, a Reserva ela interfere de forma diferenciada, é um vai e vem por exemplo, se você de Nova Iguaçu por Tinguá aquele lugar pequeno viveu toda uma história daquela Reserva. Existe já uma relação completamente diferente de Xerém e aí vai uma discussão que poderia ter sobre legalidade, a legalidade de conservação, porque ela é uma Reserva e não um Parque, enfim eu acho que tem muito campo ainda para se pensar sobre isso.

O que a gente fez até agora foi só tangenciar, eu digo em relação ao trabalho que eu realizei, porque na verdade cada movimento desse foi uma tentativa de tangenciar questões que são questões problemas no bom sentido, reflexões, questões estudos que valem a pena estar investindo, questões que ao mesmo tempo legitimem o Curso de Geografia, que trazem a importância de você ter pessoas na geografia que ao mesmo tempo tenham uma formação mais sólida o possível nas suas áreas e que ao mesmo tempo tenham uma conhecimento, uma vivência e olhem a Baixada Fluminense como quem está aqui e não como quem não está. E aí foi, o curso foi crescendo e hoje tem departamentos, o NIESBF está aqui e eu estou me aposentando e veio também a BV Jovem que é uma ideia muito legal.

Nesse tempo todo eu continuei trabalhando na Prefeitura e isso foi um fenômeno completamente desgastante na minha vida. Se num determinado momento ter tido uma vivência no executivo e ir para a Universidade depois, foi marcante para a Universidade. Eu fui o primeiro trabalho e extensão da faculdade sobre educação ambiental. Então foi importante trazer o espírito do fazer, do buscar do executivo, de sair dos muros da Universidade. Porque imagina só, nós estamos aqui confortáveis em 2017 falando sobre a questão ambiental, mas mesmo na década de 90 sendo a questão ambiental o "top", quando

se falava em questão ambiental na Baixada Fluminense era uma confusão danada, porque como falar em educação ambiental num lugar que não tem saneamento básico, onde as pessoas são pobres.

Quer dizer entender isso que a gente entende sobre a questão ambiental, que essa é uma questão que passa da relação homem pelo homem e não apenas do homem em relação a natureza era muito difícil. Havia uma necessidade de discutir com os professores já formados, porque tendo-se uma boa educação ambiental, independente de quem leciona a aula, se é boa ou não, essa questão vai estar na cabeça, mas na década de 90 os professores que estavam em campo não tinham essa formação, eles ouviam isso através da imprensa então como abordar isso dentro da sala de aula? Tanto que isso consolidou-se como uma questão importante e que acabou virando um tema transversal nos parâmetros curriculares.

Hoje nas bases nacionais não sei como está explicitamente, mas lá nos parâmetros você tem explícito a questão da educação ambiental e uma articulação com as outras disciplinas. Na década de 90 os professores estão em sala de aula, estão ouvindo falar, mas não discutem isso. Então quando nós trouxemos isso para Caxias, foi muito bom, mas também muito difícil. Pois associar a questão ambiental, a questões socioeconômicas da região, era uma coisa difícil, e eu também não conhecia a região e esse foi um ponto que na minha tese de doutorado que me fez pensar em conhecer a região, porque eu vivia sem entender muito bem os lugares.

Na década de 90 nós estávamos negociando uma horta comunitária em Embariê junto com uma escola e acabou não saindo por questões políticas. Mas, isso a gente já conseguia vislumbrar junto com os professores, a possibilidade de usar terrenos comunitários e isso não ter ido adiante pela falta de força da Universidade e do poder público. É uma pena, nós não tínhamos a menor estrutura para fazer isso. Eu fico imaginando se a horta de Embariê tivesse dado certo junto com a Universidade, as experiências que a gente teria para contar. Você percebe que o desejo de alternativas está na cabeça das pessoas a muito tempo e eu acho que hoje isso está mais atrasado.

Eu já vivi uma situação na FEBF muito pior do que eu vivo hoje, os alunos da primeira turma de geografia, eles entravam aqui e não tinha nada acontecendo a não ser a aula deles e foi a melhor turma de geografia. A geografia que nós queremos que o outro se aproprie, não está se apropriando a ponto de haver a possibilidade de ela sair das bases curriculares. Então vocês passam por esse momento que é muito difícil.

Pensar em uma faculdade com o curso de Geografia com ênfase no meio ambiente, e na formação de professores na Baixada Fluminense, sempre foi uma interferência ao modo de pensar Educação Ambiental, dentro das escolas. Esses projetos PROCEL que é da Eletrobrás, COMPERJ nas escolas, existem a muito tempo, desde a década de 90 existe e não só na Baixada, eu lidei com eles na Prefeitura do Rio de Janeiro. Porque, se você tiver algum projeto de Educação Ambiental em algumas escolas, em algumas redes, isso te dá qualificação para Educação Ambiental. E assim, os professores também gostam. Hoje talvez um pouco menos, mas na época eles tinham acesso há muito pouco. É o que eu estava falando, você não tinha essa formação, dentro da formação acadêmica. Então eles tinham, pós formação acadêmica, que era onde eles ouviam falar. O que, que nesses projetos não tem, tinham mais no PROCEL e menos no COMPERJ, você não tem uma discussão ambiental. Você tem uma redução dos conteúdos, a discussão sobre a utilização da luz, e é onde está o negócio, que foi onde eu estava impondo. Discutir na Baixada Fluminense, sobre Educação Ambiental, na dec. de 90 era complicado. “Não use ar-condicionado”, na verdade o cara, nem tem ar condicionado, na verdade culpabilizar. Porque é isso, você acaba culpabilizando aquele que não tem, por um gasto excessivo de algo que ele não tem, é um discurso esquizofrênico. Está sendo claro? Então você acaba criando um discurso de culpabilização da vítima. E na verdade, esse discurso, ele ficou ali. É uma disputa cabeça com cabeça, de falar: “não, a questão ambiental, não passa por quem usa mais luz, menos luz. Passa por um modelo que te envolve a fazer isso, aquilo e aquilo outro”.

Eu acho que hoje, e aí eu vou voltar para esse documentário “Amanhã”, que está na minha cabeça. O que eu faria hoje, e que acho que até de certa forma eu fiz com as Bibliotecas Virtuais do Meio Ambiente da Baixada Fluminense, e projetos assim. Eu acho que hoje, a gente tinha que estabelecer um novo. Essa coisa que falei, do ideal e do possível, que é um ditado que acho que é legal. Hoje eu me arrependo demais, e me arrependi depois que vi aquele documentário que é de levar, a olhar para a frente. Fico pensando, por que que a gente não fez aquilo, poderia ter ajudado pessoas, seria bom para universidade você ter modelos de horta urbana. Hoje, se eu tivesse começando, ou não me aposentando, eu pensaria em como nós podemos estar viabilizando coisas, procedimentos, ações, grupos, na própria FEBF, com um fundo crítico, mas sem ser crítico o suficiente, que não te fizesse parar. Porque na verdade, em algum momento, eu devo ter achado que a horta, serviria para escamotear algum problema de pobreza, aquilo e aquilo outro. Então hoje, se eu tivesse que fazer, eu procuraria fazer uma BV (projeto virtual de biblioteca desenvolvido por Simone Fadel) em locus. Ao

invés de fazer na interface da internet, eu procuraria pensar, em algo para juntar as pessoas novamente, para as pessoas pensarem. Eu acho, que as pessoas estão, só desanimadas, elas não se juntam, não pensam, não trocam. Se tem ainda, poucas interfaces, educativas e críticas e da Baixada, eu acho que nenhuma, bata na fase infanto-juvenil(...). Então temos que buscar entender, como é que o seu parceiro, que não está em uma universidade, se posiciona de fato, com relação à questão, isso também é ser crítico. É pensar em como você analisa e aceita a realidade do outro. E eu acho que hoje, o que pode ajudar aqui, é tentar trazer para cá, alternativas que foram formadas na própria Baixada, fora da universidade. Quais são as alternativas, quais são as lutas. E ao mesmo tempo, a universidade ter seu papel no diálogo, mas travar esse diálogo, que eu acho que a FEBF nunca teve de fato. Eu estou pensando a Geografia, mas tem outros projetos da pedagogia, matemática, mas assim o curso de geografia, tem que pensar em poder estar trazendo. Mesmo que comece com o professor, a quanto tempo a Geografia, não oferece um curso para o professor?

Nós realizamos, um curso aqui. O último, que na verdade eu vou dizer para vocês, de Ecologia Política sobre água, aos sábados, a gente enchia o auditório. Não tem muito tempo não, acredito ter acontecido, talvez em 2013 em 2012, e assim, com aulas, gente muito boa. Então eu acho que assim, com os próprios professores da região a gente acaba não tendo contato. Hoje e acho que a universidade, tem professor de dedicação exclusiva, o trabalho tem que produzir para cá, tem que pensar estas possibilidades. (...)

Eu acho que tem que ter as condições, para poder fazer esse diálogo. Eu acho o seguinte, assim para terminar, que o curso de Geografia hoje tem novas caras, novos professores, que estão dando uma cara diferente ao curso. Mas eu ainda acho, que enquanto o curso de Geografia não dialogar com a Baixada Fluminense, ele não será diferencial em nada. Eu acho que ele vai se construindo, quando ele olhar para o espaço em que ele está, às demandas que o lugar tem. Não é para você ficar na Baixada Fluminense, mas são questões, que você pode usar em qualquer lugar. Amanhã se você for morar na Noruega, resolver fazer uma BV Jovem para a Noruega, os elementos, a metodologia para você pensar, vão estar ali. Eu acho, que no fundo, a gente traz na nossa cabeça, o fantasma de que a Baixada é ruim. E quando eu volto à Baixada, eu estou me voltando a “eu sou ruim também”. Mas é entender, que ao se voltar para à Baixada você ganha uma universalidade aplicável a qualquer lugar, como em qualquer lugar. São “n” questões que estão aqui, que se a gente perder o medo, vai longe. (...)

[1] Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1995. Atualmente é Professor-Adjunto VII da Universidade do Estado do Rio de Janeiro